

## **O QUE A MEMÓRIA GUARDA DOS TEMPOS DA PANAIR: caminhos teóricos e metodológicos para os estudos do Turismo no Brasil.**

**KARLA ESTELITA GODOY\***

*Descobri que minha arma  
é o que a memória guarda  
dos tempos da Panair*  
(“Saudades dos aviões da Panair”,  
Milton Nascimento e Fernando Brant<sup>1</sup>)

### **INTRODUÇÃO**

Este é um estudo preliminar a respeito de pesquisa que se inicia de forma colaborativa entre o Laboratório de História do Turismo (Histur) e o Grupo de Pesquisa Turismo e Cultura (T-Cult), ambos cadastrados no Diretório de Grupos do CNPq e situados no âmbito do Departamento de Turismo da Faculdade de Turismo e Hospitalidade, da Universidade Federal Fluminense.

O conjunto da pesquisa tem como objeto de estudo o caso da PANAIR do Brasil S.A., companhia aérea considerada uma das pioneiras no país, responsável por dominar o setor da aviação brasileira, entre 1930 e 1965. A empresa surge no contexto da expansão das viagens aéreas comerciais entre a América do Norte e a América do Sul, no período pós-Primeira Guerra Mundial, com a criação, em 1929, da Nyrba do Brasil S.A, assim intitulada por fazer a conexão Nova York – Rio – Buenos Aires. Poucos meses depois, foi vendida para a principal concorrente, a *Pan-American Airways*, que, posteriormente, teve a denominação mudada para Panair do Brasil S.A. Mas, para além da sua relevância no que tange à história dos transportes aéreos e à realização de viagens turísticas, está o controverso encerramento de suas atividades, que se deu, quando a empresa teve o certificado de operação cassado pelo Governo Federal, sob a alegação de que era devedora da União e de fornecedores. Considerado um ato

---

\*Professora Adjunta III da Universidade Federal Fluminense, Bacharel em Museologia (UNIRIO), Mestre em Memória Social (UNIRIO), Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana (UERJ) e Pós-doutora em Antropologia (UFF).

<sup>1</sup> Trecho da música de Milton Nascimento e Fernando Brant, a princípio intitulada “Saudades dos aviões da Panair”, gravada em 1974, e mais tarde renomeada para “Conversando num Bar”.

arbitrário, por não haver provas para essa acusação e por ter sido indeferido até mesmo seu pedido de concordata preventiva, a situação foi entendida como perseguição política.

No bojo dessas circunstâncias, surge uma série de desdobramentos sociais e políticos, que vão culminar na investigação que, hoje, é feita pela Comissão da Verdade (nomeada pela Presidente Dilma Roussef, para apurar violações de direitos humanos entre 1946 e 1988), na criação do grupo conhecido como Família Panair (formado por ex-funcionários da empresa, descendentes e amigos, que continuam a se encontrar) e na formação de coleções documentais sobre a Panair, cujo acervo se encontra em arquivos e em determinados museus.

Recentemente, alguns desses museus vêm realizando exposições, a fim de contar a história da Panair, utilizando um acervo que varia de documentos textuais (cartões, folhetos, documentos pessoais), indumentária (uniformes utilizados por pilotos e comissários da empresa), maquetes de aeronaves e, até mesmo, o *Constellation*, modelo de avião mais utilizado pela Panair. Tais exposições contam com a colaboração de ex-funcionários, que cedem ou emprestam objetos, contudo não se pôde verificar, até o momento, como e se são incorporadas as memórias da Família Panair, de que forma se descrevem as narrativas dessas exposições, qual a demanda de público atingida, os anseios e motivações dos sujeitos e atores sociais envolvidos com toda a história, as relações entre as lembranças que persistem e o passado interpretado e de que modo se atrela a memória das pessoas à memória do grupo, e, por consequência, a uma memória coletiva.

Assim, esses e outros questionamentos emergem para se somar aos estudos que relacionem a Panair com o turismo, entendendo que a companhia aérea possuiu, não apenas um valor operacional e econômico, mas também valores ligados a aspectos sociais, que produzem outros sentidos, para se pensar o contexto em que se insere o turismo no país. A empresa, por ser um dos atores na cena política dos acontecimentos históricos da época, permite uma leitura do turismo como fenômeno circunscrito à área dos estudos socioculturais.

A partir dessa perspectiva, o presente artigo visa a traçar os primeiros horizontes teóricos e metodológicos para a realização da pesquisa, ancorando-se no campo da memória social e no campo museológico, a fim de analisar “o que a memória guarda dos tempos da Panair”.

## **EM VOLTA DESTA MESA, VELHOS E MOÇOS LEMBRANDO O QUE JÁ FOI <sup>2</sup>: a Família Panair e os quadros sociais da memória.**

Um dos primeiros passos a serem trilhados na direção da pesquisa proposta diz respeito aos procedimentos metodológicos e ao estudo das teorias da memória social e da museologia, que convergem para melhor entendimento do grupo formado, desde 1966, que se autodenominou Família Panair. Pretende-se estabelecer um contato direto com essa comunidade, para que possa haver, inicialmente, uma observação que forneça elementos empíricos consistentes para se iniciar a análise: quem são essas pessoas, qual a constituição qualitativa e quantitativa desse grupo e como se relacionam, levando em consideração que o encontro principal ocorre anualmente, no dia 22 de outubro<sup>3</sup>. Espera-se construir um espaço de interação e de escuta das vozes desses sujeitos, estabelecendo relações entre as histórias narradas e a história oficial, as lembranças constituintes desse coletivo e as memórias instituídas socialmente.

Esse segmento da pesquisa irá tratar não só da memória oral e do patrimônio imaterial, como também do patrimônio material e museológico existente, procurando identificar objetos e documentos que façam parte de acervos pessoais ou já se tenham tornado institucionais, para analisá-los a partir das linhas de investigação adotadas para o presente estudo. Para tanto, arquivos históricos e museus compõem a lista de locais a serem visitados, a fim de se pesquisarem seus acervos permanentes ou exposições temporárias, bem como para a realização de entrevistas semiestruturadas com os profissionais envolvidos no trabalho com o assunto.

A pesquisa de campo, então, deverá entrar em consonância com a de gabinete, realizada com base em distintas fontes e nas teorias que versam a propósito do tema da memória, que mais

---

<sup>2</sup> Trecho da música de Milton Nascimento e Fernando Brant, a princípio intitulada “Saudades dos aviões da Panair”, gravada em 1974, e mais tarde renomeada para “Conversando num Bar”.

<sup>3</sup> A data parece ter relação com o mês em que foi instituído o grupo, em 1966.

revelarem sentidos para se tratar do fenômeno de constituição da Família Panair e da construção de suas memórias.

Cumprer ressaltar que, das diversas maneiras de se compreenderem os aspectos ligados à memória, estão as teorias que a concebem como uma construção social, concepção que teve início no século XIX. Contudo há duas dimensões nessa proposição que merecem destaque: a da memória que expressa algo da ordem do construído e a que a considera como criação. Tanto um caminho teórico quanto o outro se dispõem a dialogar com o estudo em questão, embora, à primeira vista, possa parecer uma opção improvável. Por isso cabe, aqui, uma breve elucidação sobre a imbricação dessas teorias.

Alguns dos autores que representam a primeira dimensão são Maurice Halbwachs e Pierre Nora. Para Halbwachs, a memória é um fenômeno social, podendo ser estudada a partir da ideia de que é uma construção coletiva, mesmo quando observada na sua condição individual. Ou seja, não existiria memória pura e original, mas, sim, quadros sociais, pois

*a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 1994, p. 54).*

Desse modo, o contato com o ambiente produz alterações na memória, tornando-se impossível, portanto, uma conservação total das lembranças do passado.

Essas primeiras indicações já conduzem a uma reflexão hipotética sobre a Família Panair, quanto à produção de memórias, a partir da construção coletiva que seus sujeitos integrantes fizeram como grupo.

Pierre Nora também concorda com a impossibilidade de se preservar a memória integralmente, e, por isso, vai dar enfoque ao que chamou de “lugares de memória”, expressão usada para designar os locais que irão funcionar como espaço de representação da memória, dos vestígios de um passado desaparecido ou em desaparecimento, onde ela se cristaliza e se refugia. Esses lugares são âncoras para a memória, como é o caso dos museus, bibliotecas, arquivos e monumentos, ou seja, espaços que abrigam documentos potencialmente necessários para o trabalho da história e que ampliaram substancialmente a capacidade de

memorização do mundo. (NORA, 1993). É nesses locais que os objetos e documentos da Panair vêm sendo expostos, entendidos como “testemunhos materiais” de uma história que se deseja contar, seja ela narrada sob quaisquer interpretações e objetivos. O importante a se considerar é o fato de haver sujeitos interessados em colocar tais documentos em um lugar de representação dessas memórias.

A segunda dimensão, já citada anteriormente, apresenta “autores que focalizam o processo de construção da memória [mas que] não valorizam tanto os seus pontos de partida e de chegada, [mas sim, dão] ênfase ao durante”. (GONDAR, 2005, p. 21). Friedrich Nietzsche, Henri Bergson e Sigmund Freud são autores que enfatizam a dimensão processual da memória, o que permite pôr em discussão a ideia de memória como mera representação coletiva. Para eles, memória é processo, do qual as representações são apenas uma parte. No caso da Família Panair, pode-se supor que, a cada novo encontro do grupo e de novas interferências no contexto em que suas representações se expressam, haverá também uma reconfiguração das memórias. Essa será uma dimensão em que deverão ocorrer alguns confrontos e lutas pela memória, configurando-se como um espaço de criação do novo.

Assim, até mesmo a memória pura da concepção bergsoniana mostra-se sujeita às determinações do presente. (BOSI, 1984, p. 55). E o próprio Sigmund Freud irá argumentar que as lembranças não podem ser liberadas em sua forma permanente, porque as satisfações e prazeres, um dia, ligados às impressões infantis já não podem ser diretamente vivenciados. Esta afirmação vai encontrar eco nas Ciências Sociais, quando é demonstrado por Halbwachs (1990) que a lembrança – individualmente ou em grupo – está sempre associada, no presente, ao passado, e não pode ser caracterizada como fato isolado dos muitos contextos com os quais sempre se relaciona.

Ecléa Bosi complementa o raciocínio do autor, ao dizer que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (1984, p. 55) e, ao mesmo tempo, endossa Freud, quando afirma que

*por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor”. (BOSI, 1984, p. 55).*

Mas, quando se afirma que a memória envolve recriação, é porque não há possibilidade de um resgate original, de uma recuperação absoluta, pois, apesar de permanente, altera-se sempre de acordo com novas configurações. Se é capaz de modificar-se, então admite o esquecimento.

O esquecimento, segundo Nietzsche, é uma força ativa (encarregada de expansão e criação) e a memória uma força reativa (força funcional a serviço da conservação do organismo). Como toda força só existe em relação, o indivíduo é um conjunto de forças, e o esquecimento, portanto, uma questão de saúde para ele.

Contudo, através da *Hypomnesis* (memória auxiliar), o homem tem procurado constantemente alterar sua condição de “naturalmente esquecido”, para a de artificialmente “detentor” de memória, a menos que esse esquecimento venha a ser objeto de sua escolha. No caso Panair, por exemplo, há uma lista de cerca de trinta acidentes aéreos, que resultaram na morte de centenas de pessoas. Logo caberia investigar se, no jogo de forças entre memória e esquecimento, essas ocorrências aparecem e de que forma são abordadas.

Assim, ao tratarmos da memória, também se fala de esquecimento. Restaria verificar, então, que grupos querem lembrar ou esquecer o quê.

#### **LEVEI UM SUSTO IMENSO NAS ASAS DA PANAIR <sup>4</sup>: dos acidentes aéreos à situação política.**

Em 2008, foi produzido um documentário intitulado “Panair do Brasil”, dirigido por Marco Altberg, que, embora contribua para o registro histórico do assunto e dos depoimentos de membros da Família Panair, sofreu críticas quanto o caráter ufanista e nostálgico.

---

<sup>4</sup> Trecho da música de Milton Nascimento e Fernando Brant, a princípio intitulada “Saudades dos aviões da Panair”, gravada em 1974, e mais tarde renomeada para “Conversando num Bar”.

O teor das sinopses do documentário, disponível em vários *sites* sobre cinema, já revela de algum modo essa tendência, ao afirmar que ele “resgata a história” da empresa pioneira na aviação comercial brasileira, “símbolo de modernidade e eficiência”, mostrando como a Panair do Brasil sobrevive ainda hoje “no coração e na esperança da chamada Família Panair”, composta por antigos funcionários e descendentes, que “sonham com a volta de seus aviões aos céus brasileiros”.

O editor da sessão Cinema, da UOL Entretenimento, Edilson Saçashima, escreve um breve artigo crítico sobre o documentário, argumentando que

*a opção de Altberg de apresentar apenas a versão da Panair dá ao filme um aspecto quase oficial. Este não seria um problema se a história da empresa não apresentasse episódios complexos como a concorrência com a Varig e a cassação das linhas pelo regime militar.*

*O filme dá grande peso aos depoimentos dos ex-funcionários e familiares, o que provoca a impressão de vitimização da Panair diante dos "vilões" Varig e ditadura militar.*

*Para um país que enfrentou em sua história recente dois desastres aéreos, uma crise da aviação, além da falência da Vasp e da Transbrasil, talvez seja difícil ver uma história bem-sucedida como a da Panair do Brasil sem um ar de desconfiança, ainda mais quando se opta pelo ponto de vista dos envolvidos diretos.*

*Além disso, em determinado momento vemos cenas de Santos Dumont e seu 14 Bis associadas à Panair. Parece ser uma relação exagerada, mesmo que a Panair seja um caso de sucesso em uma época em que o Brasil sonhava alto.*

(SAÇASHIMA, 2008).

Os discursos produzidos nos anos de atuação da Panair já a colocavam em lugar privilegiado quanto aos sentimentos de orgulho nacional. Entretanto todo o imaginário construído não foi suficiente para que a empresa escapasse da decretação judicial de falência. Ergue-se, então, um mito da aviação comercial brasileira, inscrito sob os mesmos cânones que o elevam a uma condição de perenidade.

Sobre essa ideia, é importante salientar que o mito ocupa um lugar de explicação, de verdade. Ao longo da história grega (até os séculos VI e V a.C.), por exemplo, explicava-se o universo através do mito. Sua lógica ambígua permitia pensar o passado fora do tempo (tempo mítico), só sendo possível acessá-lo de forma divinatória, revelado por intermédio de *Mnemosyne*

(aquela que faz recordar por saber “tudo que foi, tudo que é e tudo que será”). A deusa da memória possui uma relação direta com as origens do museu, na medida em que o compreendermos, a partir de tais referenciais gregos. Como afirma Marlene Suano, em seu tradicional livro “O que é museu”,

*[...] o mouseion, ou casa das musas, era uma mistura de templo e instituição de pesquisa, voltado sobretudo para o saber filosófico. As musas, na mitologia grega, eram as filhas de Mnemosine, a divindade da memória. As musas, donas de memória absoluta, imaginação criativa e presciência, com suas danças musicais e narrativas, ajudavam os homens a esquecer a ansiedade e a tristeza. O mouseion era então esse local privilegiado, onde a mente repousava e onde o pensamento profundo e criativo, libertos dos problemas e aflições cotidianos, poderia se dedicar às artes e às ciências. As obras de arte expostas no mouseion existiam mais em função de agradar as divindades do que serem contempladas pelo homem. (SUANO, 1986, p. 10-11).*

É possível observar, portanto, que, embora a instituição museu tenha adquirido características diversas ao longo dos anos, diversificando sua tipologia e objetivos, ainda reserva íntima ligação com o conceito de Pierre Nora, na medida em que funciona como lugar destinado a guardar memórias, contar histórias, evitando a perda e a degradação no tempo, ou seja, uma flagrante tentativa de se livrar do esquecimento. Segundo essa concepção, o museu passa a ser o detentor de uma memória plena, que possui a verdade dos acontecimentos. É essa ideia que está presente ainda hoje, especialmente no senso comum, que, além de associar museu a coisas velhas, o vê sob a égide de um passado mítico. Assim, ao se exporem os objetos e documentos da Panair nos museus, há de se atentar para o fato de que, dependendo da forma como serão organizados e dispostos, poderão imprimir um cunho de verdade. Independentemente da visão contemporânea de interpretação dos fatos, a força dessa concepção – de que museu é lugar da memória por excelência –, ainda se exerce sobre a sociedade.

Sabe-se, então, que, a partir do momento em que memória é concebida como verdadeira e infinita, não há mais, como já elucidado, algum lugar para o lapso, para o esquecimento. Esta ideia fica muito clara quando Sócrates – personagem conceitual de Platão – diz a Fedro que aquele que não conhece a verdade só alimenta opiniões (1955, p. 166), afirmando, com isso, que somente as almas dos deuses e aqueles que tentam assemelhar-se a eles possuem o conhecimento absoluto.



A preocupação de Platão é com a *Noesis* (conhecimento das ideias, da essência) e, por isso, condena a *Doxa* (plano da opinião), já que a persuasão vinha ganhando espaço na democracia com a presença dos sofistas – que não davam importância à verdade. Com as verdades se tornando relativas, parciais, passíveis de questionamento, inicia-se a racionalização do pensamento humano, e o homem percebe que seria capaz de um ato de criação. O passado não aparece mais como dimensão do além, nem a memória como fonte de imortalidade. Se não é contemplada, não é plena, portanto comportaria falhas.

A escrita surge como solução que não só evidencia como autoriza a existência dessas falhas, quer dizer, passa-se a contar com uma memória de apoio, capaz de arquivar tudo aquilo que poderia cair no esquecimento.

“Esta arte [...] tornará os egípcios mais sábios e lhes fortalecerá a memória; portanto com a escrita inventei um grande auxiliar (o *Pharmakon*) para a memória e a sabedoria” – assim *Thoth* diz a *Tamuz* (ambos deuses e governadores das várias regiões do Egito), no discurso de *Sócrates* sobre a invenção da escrita. (PLATÃO, 1955, p. 178). *Thoth* queria demonstrar o caráter benéfico de seu invento, mas *Tamuz* alerta-o a respeito do risco que pode abater-se sobre sua arte.

*Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Logo, tu não inventaste um auxiliar (Pharmakon) para a memória, mas apenas para a recordação.”* (PLATÃO, 1955, p. 179).

A escritura seria, então, essencialmente nociva, exterior à memória, produtora não de ciência, mas de opinião, não de verdade, mas de aparência. O *Pharmakon* produziria, assim, o jogo da aparência a favor do qual ele se faz passar pela verdade. (DERRIDA, 1991, p. 50).

A Comissão Nacional da Verdade está atualmente investigando as circunstâncias da decisão que decretou a falência da empresa Panair. Mesmo admitindo que as verdades são relativas, há lacunas na história que clamam por respostas que as preencham. Porém, a partir delas, se construirão novas memórias, novos documentos surgirão e não se sabe se irão ocupar o espaço da recordação ou do esquecimento.

Esse é todo o espanto de Platão com relação à escrita. Ela obriga a se admitir que a memória é finita e que uma memória “inferior” (*Hypomnesis*) será colocada no lugar da memória essência (*Mneme*). É justamente a *Hypomnesis* que declara a finitude, pois só há necessidade de arquivo, porque há a possibilidade de perda da memória.

Como já mencionado, Nietzsche considera que

*nenhuma felicidade, nenhuma serenidade, nenhuma esperança, nenhum gozo presente poderiam existir sem a faculdade do esquecimento [...]. Este animal necessariamente esquecido, para quem o esquecimento é uma força e uma manifestação robusta de saúde, criou para si uma faculdade contrária, a memória, a qual contrabalança o esquecimento.* (1976, p. 49-50).

Constata-se, portanto, a concepção naturalista de Nietzsche em relação ao esquecimento, opondo-se à visão platônica. Mas a concepção platônica parece ainda ocupar o desejo de memória sobre o caso Panair, reforçando a investigação sobre o que a memória guarda desse tempo. Mas não se deve desperdiçar o que nos alerta a visão nietzschiana, que poderia conduzir-nos a uma reflexão inversa: o que o esquecimento tem produzido sobre os tempos da Panair. Deve-se considerar a hipótese de que, talvez, ele tenha sido justamente o deflagrador da criação de uma memória que ainda hoje integra pessoas em um grupo que se concebe como Família, ou seja, o esquecimento funcionaria como grande incentivador da criação de leituras diversas a respeito dessa história.

E é aí que está a importância do esquecimento: poder ser pensado não como algo negativo, passivo, mas, ao contrário, como estrutura fundamental no processo de criação. O esquecimento, por exemplo, exerce a própria condição de ser do arquivo, que, ao mesmo tempo, é a luta contra o esquecimento. Isto quer dizer que o arquivo trabalha contra si mesmo e só tem sentido em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória. (DERRIDA, p. 16 e 17).

O homem sabe da falta, porém é como se não a admitisse. A busca incessante de recursos que possam dar conta do esquecimento demonstra o quanto ele ainda persegue a plenitude do conhecimento, a memória absoluta – mesmo sendo obrigado a exercê-la através de meios externos.

Sábina, portanto, é a letra da música “Saudade dos aviões da Panair”, que resolve o dilema, ao afirmar que “nada de triste existe que não se esqueça” e “tudo de triste existe e não se esquece”.

## **A MAIOR DAS MARAVILHAS FOI VOANDO SOBRE O MUNDO NAS ASAS DA PANAIR: encaminhando o assunto para as considerações finais.**

O presente texto não é mais que breve nota sobre a pesquisa que se inicia. Assim, estabeleceu-se como um exercício do pensamento a ser compartilhado com o leitor, apresentando o tema, problematizando os assuntos, fazendo emergir questionamentos a partir deles, indicando a fundamentação teórica inicial e apontando alguns dos procedimentos metodológicos para a pesquisa de campo e de gabinete. Procurou-se articular os estudos das áreas da memória social, da museologia e do turismo, entendendo-os como saberes que se interligam para a produção de conhecimentos.

Registre-se que certas fontes de informação citadas (documentários, sites, textos diversos e a música que contribuiu com o destaque de trechos de sua letra para compor as seções desse artigo) fazem parte de uma compilação que vem sendo feita há pouco tempo, e, portanto, tende a ser ampliada e revista. Contudo o referencial teórico proposto já é de amplo conhecimento e foi adotado justamente por se entender que permitirá a realização de um relevante diálogo com o objeto de estudo em questão.

Ainda há muito a se vislumbrar sobre o tema da pesquisa, mas o que parece saltar aos olhos é o papel que a Família Panair exerce, representando o próprio lugar de memória, para além dos espaços museológicos, pois os sujeitos que a compõem passam a ser suportes das lembranças construídas coletivamente. Voar sobre o mundo nas asas da Panair é o que vêm fazendo desde a sua formação. São o que a memória guarda... E, sendo essa uma das hipóteses sobre as quais a pesquisa irá debruçar-se, está aberto o campo investigativo.

### Referências bibliográficas

- ABREU Jr. , Theophilo E de. **Nas asas da Panair**. Rio de Janeiro: Theophilo E. de Abreu Jr, 1999.
- BARBOSA, Nair Palhano. **Nas Asas da História: Lembranças da PANAIR do Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1996. 117p.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DERRIDA, J. **A Farmácia de Platão**. São Paulo, Iluminuras, 1991.
- DERRIDA, J. **Febre de Arquivo**. Uma Impressão Freudiana. Tradução de Cláudia Rego, mimeo.
- FREUD, Sigmund. **Uma nota sobre o bloco mágico**. In: *Edição Brasileira das Obras de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. Vol. 10, São Paulo, 1993. p. 7-28.
- PANAIRO DO BRASIL. Dir. Marco Altberg e Maíza Figueira de Melo. Rio de Janeiro: Riofilme, 2007. Documentário (71 min).
- PLATÃO. **Fedro**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1955.
- SACASHIMA, Edilson. **Documentário faz versão quase oficial da história da Panair do Brasil**. Publicado em 06 nov. 2008, 16h07. Disponível em: <<http://cinema.uol.com.br/ultnot/2008/11/06/ult4332u907.jhtm>>. Acesso em: 30 mar. 2012.

SALADINO, Alejandra. O fechamento da Panair do Brasil e a ascensão da VARIG. **Revista Cantareira**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, v. 3, 2005, p. 1-20.

SASAKI, Daniel Leb. **Pouso Forçado**: a história por trás da destruição da PANAIR do Brasil pelo Regime Militar. Rio de Janeiro: Record, 2005.

TELES, Edson e SAFATLE, Vladimir (Orgs). **O que resta da ditadura**. São Paulo: Boitempo, 2010.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Viagem na memória**: guia histórico das viagens e do turismo no Brasil. São Paulo: SENAC, 2000.

VERNANT, Jean-Pierre. **Aspectos Míticos da Memória e do Tempo**. In: Mito e Pensamento entre os Gregos. São Paulo, USP, 1973.